

NO CENÁRIO DOS MULTILETRAMENTOS: POTENCIALIDADES E POTENCIAIS DO MOODLE PARA ALUNOS DO BI DE ARTES DA UFBA

Carla Maria França do Nascimento

c_carlafrancan@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/6819421835442582>

RESUMO

A contemporaneidade presencia a predominância da cibercultura nos diversos campos de atividades de uma sociedade altamente letrada. O número de pesquisas sobre a relação tecnologia e linguagem percorre uma linha ascendente e proporcional aos novos modos de ser e fazer dos estudos linguísticos. O presente artigo traz a reflexão, sob a perspectiva dos multiletramentos, das entrevistas realizadas com alunos de uma disciplina presencial do Bacharelado Interdisciplinar em Artes na Universidade Federal Bahia, durante a coleta de dados da pesquisa: “novomoodleufba e alunos do BI Artes: potencialidades e potenciais na perspectiva de multiletramentos”. Em fase de redação de dados obtidos através de instrumentais etnográficos (questionário, anotações de campo e entrevistas), a pesquisa tem por objetivo entender como os alunos compreendem sua produção e compartilhamento de textos na plataforma que funciona apenas como suporte à disciplina, e também compreender a(s) lógica(s) cultural (culturais) que pairam sobre essas experiências com e no ambiente virtual, o qual, junto com a aula presencial, é também *locus* de observação da pesquisa.

Palavras-chave: Alunos; Lógicas culturais; Moodle; Multiletramentos.

O presente artigo visa apresentar reflexões acerca das entrevistas realizadas com alunos de uma turma do BI - Bacharelado Interdisciplinar¹ em Artes da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Dentre os instrumentos de coleta de dados – questionário socioetnográfico e anotações de campo, as entrevistas foram escolhidas por reunirem as impressões e enunciados dos estudantes sobre suas produções textuais tendo o ambiente Moodle como suporte. Nessas entrevistas, algumas perguntas direcionavam-se

1 O Bacharelado Interdisciplinar, o BI, foi adotado na UFBA desde 2009, e, segundo o www.ihac.ufba.br, “é uma modalidade de graduação plena oferecida por inúmeras universidades no Brasil e no mundo, compreendendo uma ampla articulação de conhecimentos e saberes”. Na UFBA, ocorrem bacharelados interdisciplinares em Artes, Ciência e Tecnologia, Humanidades e Saúde, hospedados no IHAC - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos. Continuam a existir os CPL – cursos de progressão linear lato e stricto sensu

a relação entre produções artísticas e as potencialidades do Moodle, a fim de perceber facilidades e limitações que a plataforma proporcionava à veiculação em meio virtual da produção por eles realizada. Reconheço que fazer pesquisa social, qualitativa e etnográfica é sempre uma tarefa “multi”. Multidisciplinar e multicultural é a atitude, portanto, que me move a essa proposta num campo multimidiático que é um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).

O AVA Moodle, traduzido do inglês como Ambiente modular de Aprendizagem Dinâmica orientada a objetos, foi projetado² como um LMS (Learning Management System) para ser apoio à aprendizagem e por isso agrega pessoas em comunidades com interesses afins. A escolha do Moodle como *locus* da pesquisa tem justificativas antes institucionais que pessoais, pois o Moodle é recomendado, pelo Ministério da Educação (MEC) como ambiente virtual a ser utilizado pelos cursos vinculados ao Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB). É o MEC que libera recursos financeiros para as universidades federais que são membros do Sistema (RICCIO, 2010). A Universidade Federal da Bahia adotou o ambiente ou plataforma a partir de 2004 quando da opção do GEC/UFBA (Grupo de Pesquisa em Educação, Comunicação e Tecnologia - UFBA) no desenvolvimento de um curso de especialização na área de TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) (RICCIO, 2010). Atualmente são mais de 250 cursos entre CPL e BI inscritos no Moodle, conforme dados do novomoodle.ufba.br, endereço da plataforma na Instituição.

Os softwares de um sistema LMS apresentam diversas ferramentas, que, em meu trabalho chamo de potencialidades, tais como: recursos, questionários, midiateca; fóruns; diários de aprendizagem, relatórios de notas, tutorial disponível para gerenciamento, por exemplo. A questão percebida nesse momento da pesquisa era que os estudantes apontavam lacunas ou limitações vivenciadas no ambiente que, se de um lado

2 Martin Dougiamas projetou o Moodle, como parte do seu projeto de doutoramento na Curtin University of Technology, Austrália, no National Key Centre for Science and Mathematics Education, intitulado *The use of Open Source software to support a social constructionist epistemology of teaching and learning within Internet-based communities of reflective inquiry*. Martin Dougiamas iniciou o desenvolvimento do Moodle em 1999 (RICCIO, 2010, p.115).

atravancavam a fluidez de suas produções, de outro não tiravam a efetividade do Moodle como suporte à disciplina.

O novomoodle.ufba foi o AVA utilizado para dar suporte à disciplina Estudos da Contemporaneidade I cujos alunos eram ingressantes na modalidade do BI em Artes seguindo a proposta da disciplina apresentada página inicial de sua inscrição no Moodle:

Este é um curso sobre a contemporaneidade focado no estudo de quatro temas correlatos: educação, cultura, política e mundo do trabalho. A proposta pedagógica do curso está estruturada na filosofia de Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP). A ABP é uma concepção contemporânea de aprendizagem que tem como eixo condutor o desenvolvimento de habilidades analíticas e profissionais a partir de “situações-problema” e/ou projetos e não a transferência do conhecimento como nas pedagogias tradicionais.

Na medida em que a observação das aulas presenciais e das propostas trabalhadas no novomoodleufba intensificou-se no, pude ir compreendendo que as atividades no ambiente eram influenciadas não só inocentemente pelas práticas docentes e discentes, era preciso considerar as lógicas culturais que as regiam.

Na medida em que surgem novas mídias na sociedade, variadas lógicas culturais interagem e impulsionam as escolhas e o consumo dessas mesmas mídias. As TIC que dão suporte à educação requisitam, na contemporaneidade, novas atitudes de professores e alunos para acessar a essas lógicas culturais em suas práticas letradas. São lógicas culturais, historicamente sequenciais e distintas, a cultura oral, a cultura escrita, a cultura impressa, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cibercultura (SANTAELLA, 2007). Elas mesclam-se e se comunicam ao ponto de não mais percebermos tão claramente a linha que as divide. Esse é o fenômeno da contemporaneidade. Assim, longe de conotar erudição ou separação em classes – erudita, popular ou “de massa”-, a cultura, atualmente, traz, na leitura de Santaella (2007), o reflexo de “mesclas conflituosas” tecidas nas relações dialógicas, nas negociações de interesses diversificados “entre classes sociais, segmentos populacionais e estilos de vida” (ROJO, 2013, p. 8).

Uma lógica cultural plasma-se, nasce híbrida das relações de poder, de mercado e culturais, que se dão sócio-historicamente. Segundo Lima e De Grande (2013)

a cultura das mídias, anterior a atual, tem como principal característica a escolha e o consumo personalizado e individualizado, em oposição ao período precedente, a cultura de massas, que operava pela lógica do consumo massivo e homogeneizador. Os processos que tiraram a inércia do indivíduo como apenas receptor da cultura de massas para a cultura das mídias prepara a sensibilidade dos usuários para a chegada dos meios digitais. (LIMA; DE GRANDE, 2013, p. 40).

Esses processos que resultaram na atual cibercultura ou cultura do digital, se estudados historicamente, permitem ver que essas transformações sócio-históricas, potencializadas pelas novas tecnologias obedecem a uma continuidade entre diferentes ciclos e períodos.

Um ciclo cultural é capaz de criar, segundo Santaella (2007), formas de socialização que lhe são intrínsecas. No espaço educacional, acadêmico é necessário identificar quais mídias de comunicação são promovidas e prevalecem no atendimento a cada necessidade. Ao pensar na cibercultura, a hibridação de mídias que lhe é própria, deixa evidente a abrangência e diversidade de relações e discursos acionados nos variados campos da atividade humana.

O conceito de multiletramentos (multiliteracy) é, segundo alguns estudiosos, conceito chave para a modernidade (ROJO, 2013), desde que se mantenham noções basilares para sua compreensão: a multiplicidade cultural das sociedades e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos que essas sociedades utilizam para se informar e comunicar (-se). Uma breve apresentação do conceito na visão dos autores escolhidos para representá-lo é apresentada a seguir, na busca por manter as especificidades do termo.

Para Mary Kalantzis e Bill Cope, membros do New London Group (NLG) (Grupo de Nova Londres), e articuladores do termo *multiliteracy*, o novo modelo para a educação linguística veio de novas abordagens para o estudo do letramento cunhado desde a década de 1980.

Roxane Rojo faz parte do grupo de linguistas que divulgou o estudo de multiletramentos no Brasil, principalmente nos últimos anos deste século. A estudiosa percebe o quão caros são os manifestos e as contribuições do NLG nos estudos de

letramento em novas tecnologias, especialmente sua agenda para a educação em contextos de diversidade cultural e alta conectividade global:

O conceito de multiletramentos, articulado pelo Grupo de Nova Londres, busca justamente apontar, já de saída, por meio do prefixo “multi”, para dois tipos de “múltiplos” que as práticas de letramento contemporâneas envolvem: por um lado a multiplicidade de linguagens, semioses e mídias envolvidas na criação de significação para os textos multimodais contemporâneos e, por outro, a pluralidade e a diversidade cultural trazidas pelos autores/leitores contemporâneos a essa criação de significação. (ROJO, 2013, p. 14).

Quando o NLG teceu a noção de multiletramentos, por volta de 1996, fazia leitura de aspectos que envolviam a sociedade contemporânea: o surgimento e convivência de meios semióticos diferentes em diversos gêneros de texto, nos quais a palavra configura-se como apenas uma das modalidades, ao lado do visual ou imagético, do espacial, do gestual e do sonoro; além das inter-relações locais e globais entre diversos grupos favorecidas pela globalização (DIAS, 2005).

Instrumentos de coleta de dados

Esse estudo de base etnográfica propõe compreender em profundidade o fenômeno da produção textual mediada pelo Moodle, na perspectiva dos estudantes de graduação da UFBA, através de uma pesquisa sem rigor de um plano previamente estabelecido – do tipo estudo de caso. Diferenciando-se da pesquisa quantitativa, a presente pesquisa de base qualitativa procura obter dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação estudada, interpretando os fenômenos observados no ambiente natural, a partir da perspectiva dos sujeitos da pesquisa (DENZIN; LINCOLN, 2006).

O ambiente natural da pesquisa envolve a disciplina de caráter presencial, a Estudos da contemporaneidade I, e dele fazem parte os encontros presenciais e o Ambiente Virtual de Aprendizagem Moodle. Os instrumentos para coleta de dados consistiram em questionário sócio-etnográfico, anotações de campo e entrevista semiestruturada ao final da disciplina.

Relato dos estudantes - excertos

As entrevistas foram gravadas e estarão disponíveis na mídia de dados brutos da dissertação quando de sua publicação. Foram sete dias de encontros individuais com os dez estudantes que restaram da disciplina, após o longo período de greve que ocorreu na maioria das UF³ no segundo semestre de 2015 (maio a outubro). Inicialmente eram vinte e dois estudantes, dos quais dezoito consentiram a pesquisa através dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido endereçados por mim a eles e ao professor.

Entre depoimentos como “o Moodle é muito chato”, “Eu entrei pouco porque não me sentia motivado a entrar (no Moodle)”, “poderia ser mais fácil de encontrar os links”, “Quando eu acessasse o link pelo email poderia ir direto, e não ter que entrar de novo com senha e usuário”, “Por que não um... algo como o Google Art lá no Moodle?”, “Tem chat? Poderia ter mais conversas entre o professor e os colegas, na hora, naquele momento” e tantos outros, os sujeitos da pesquisa – dez alunos entre 17 a 29 anos manifestaram suas opiniões a partir das seguintes perguntas:

1. Oi. Vamos pensar no percurso de sua interação com o novomoodle.ufba na disciplina HACA01. Você lembra os momentos em que logou na plataforma? Quando e para que?

2. Em que aspectos, no decorrer do curso, a sua interação no ambiente novomoodle.ufba contribuiu para a sua aprendizagem na disciplina?

3. Você consegue apontar fatores externos que possam ter influenciado sua participação no grupo da disciplina criado no novomoodle.ufba (CONEXÃO, ACESSO COM LOGIN E SENHA, TEMPO, etc.)?

4. Você pode dizer que conseguiu produzir/ postar no ambiente tudo quanto esperava ou que sua equipe planejou? Quais limitações do Moodle você encontrou?

3 Universidades Federais

5. Você teria sugestões, em relação a esse ou outros softwares de interação digital, para a aprendizagem na universidade? Ou seja, como as tecnologias digitais existentes poderiam ser aproveitadas nas disciplinas do seu curso, a seu ver?

6. Como você compreende o DIÁRIO DE APRENDIZAGEM? E o FÓRUM PARA DISCUSSÃO DO PROJETO?

Em resumo, os sujeitos de pesquisa eram em sua maioria nativos digitais e todos tinham acesso, sem maiores problemas externos, à plataforma. O tempo foi apontado, mas como fator que também influenciava a maioria das outras disciplinas que cursavam naquele semestre, que era, para eles, o primeiro. Para esses estudantes, as produções artísticas que queriam sumarizar no ambiente virtual da turma, em forma de “videotecas”, “mídioteca”, sonorização, “podcast” e outros ficaram tolhidas devido à versão e a interface do Moodle.

REFLEXÕES

O fato de a versão 2.6 do novomoodle.ufba não comportar vídeos e outras imagens móveis (comics, logotipos, etc.) trouxe à tona sugestões interessantes por parte de alguns alunos, ao fim do processo. Os depoimentos que gravaram foram apresentados em data show na sala de aula e não pode ser disponibilizado na plataforma. Um dos alunos apontou essa limitação e outro, ressaltando que sua área era a de Cinema, relatou sentir falta de uma potencialidade do Moodle que suportasse filmes a partir de um link, ou espécie de videoteca. No máximo estavam sugeridos alguns em bibliografia escrita.

Outra aluna revelou que aprende muito por imagens e se no ambiente houvesse espaço para os professores e colegas postarem imagens em movimento relativas aos temas trabalhados ou até vídeos da própria aula, seria um valor a ser agregado. Essa mesma aluna reclamou da falta de interação em conversas síncronas, como chat, fórum de discussão on line. Na verdade, todo o trabalho na plataforma foi assíncrono, embora os alunos correspondessem prontamente à proposta, uns postando com mais frequência, outros com menos.

A maior parte dos entrevistados comparou o Moodle aos aplicativos e redes sociais existentes, disponíveis nos diversos suportes. Para eles, se a tecnologia já possibilita o fácil e rápido acesso, através da corporativização de serviços e ambientes on line, o Moodle poderia estar assim também. Todos eles relataram o uso de redes sociais como opção mais “instantânea” e “tá na mão” na comunicação e trocas entre as equipes de trabalho.

Quanto à importância e eficiência do Moodle, todos os entrevistados relataram que a plataforma “funciona bem” como suporte a disciplinas, porém a falta de hábito deles e o design do ambiente, além das limitações apontadas o tornam pouco atrativo.

Sob a perspectiva dos multiletramentos, a “falta de hábito” refere-se à ideia de ciclos culturais trazida em Santaella (2007) e Lima & De Grande (2013). É inegável o suporte dado pelas redes sociais e aplicativos, utilizados como suporte à educação. Mas, os AVA ficarão aquém de todo avanço existente? Ficarão como sítios arqueológicos esperando ser desbravados por algum pesquisador? Enquanto houver manutenção de uma ideia estanque e dissociada de cultura, onde prevaleça uma cultura escrita, representativa de um status a ser alcançado, por exemplo, como acontece em nossas academias, outras disposições artísticas e culturais não terão lugar, seja on line ou off line. O design da interface, para três estudantes deveria ser personalizado de acordo com a disciplina e área do grupo ali inscrito. A cultura do digital ou cibercultura, em muitas instituições de ensino do país, ainda é explorada com base em suas potencialidades e não no potencial que já alcançou graças às suas mais recentes versões. Ainda soa como aura de um progresso tecnológico que parece mais mito que realidade a nossos olhos. Documentos e resoluções, diretrizes e parâmetros balizam atividades em e com artefatos digitais, porém nas socializações e produção de gêneros textuais que são próprios do domínio discursivo acadêmico, o mundo digital ainda é o mundo paralelo, ou mundo “de fora” das tramas textuais circulantes entre estudantes e professores. Apesar de suas potencialidades, o Moodle, na visão da maioria dos estudantes, apresenta grande potencial que pode vir a contribuir com as mais diversas disciplinas e cursos da Universidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Proposta para o Plano Diretor de Tecnologia da Informação**. Universidade Federal da Bahia (PDTI). Agosto/2014. Disponível em: <[tp://www.sti.ufba.br/sites/cpd.ufba.br/files/pdti_aprovado_pelo_cgti_13_08_2014.pdf](http://www.sti.ufba.br/sites/cpd.ufba.br/files/pdti_aprovado_pelo_cgti_13_08_2014.pdf)>. Acesso em 25 ago. 2014.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. et al. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006. 432p.

DIAS, R. **Gêneros digitais e multimodalidade: oportunidades on-line para a escrita e a produção oral em inglês no contexto da educação básica**. In: Gêneros textuais: teoria e prática de ensino em LE. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2008.

KALANTZIS, M.; COPE, B. **Multiliteracies Pedagogy: A Pedagogic Supplement**. In: COPE, B.; KALANTZIS, M. (Org.). *Multiliteracies: Literacy Learning and the Design of Social Futures*. Nova York: Routledge, 2006, p. 239-248. Disponível em: <http://vassarliteracy.pbworks.com/f/Pedagogy+of+Multiliteracies_New+London+Group.pdf>. Acesso em 27 jun. 2014.

LIMA, Mariana Batista de; DE GRANDE, Paula Bacarat. **Diferentes formas de ser mulher na hipermídia**. In: ROJO, Roxane (Org.). *Escol@ conectad@: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 37-58.

MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). **Por uma linguística Aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. 279 p.

RICCIO, Nícia C. R. **Ambientes Virtuais de Aprendizagem na UFBA: a autonomia como possibilidade**. 2010. 363f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em: <http://www.moodle.ufba.br/file.php/1/tese_Nicia_Riccio_2010.pdf>. Acesso em 12 abr. 2014.

ROJO, Roxane (Org.). *Escol@ conectad@: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, 2013. 216p.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2007. 359p. Disponível em: <<https://identidadesculturas.files.wordpress.com/2011/05/santaella-culturas-e-artes-do-pc3b3s-humano.pdf>>. Acesso em 16 ago. 2014.

SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:

Licenciada em Letras Vernáculas e Língua Estrangeira-Inglês pela Universidade Federal da Bahia. Mestranda no Programa de Pós Graduação em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia no período de 2014-2015.